

Rachel Ciaco Nunes

**Pedagogia do esporte:  
teorias e práticas na iniciação do basquetebol**



Rachel Ciaco Nunes

# **Pedagogia do esporte: teorias e práticas na iniciação do basquetebol**

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de Bacharelado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes.

## **Agradecimentos**

Agradeço à minha família: aos meus pais Pedro e Luci pelo constante amor e incentivo, e pela luta em garantir minha boa formação, aos meus irmãos Alexandre e Danilo que sempre me salvaguardaram, mesmo quando eu me sentia segura demais para perceber a presença protetora deles.

Ao meu namorado Marcelo, que participou criticamente desses cinco anos de estudos, sempre me ajudando com muito carinho a crescer e me confortando nos momentos de angústia.

A minha turma Torpedão 99 noturno, que mesmo com suas inúmeras diferenças soube se respeitar e conviver. Essa é A turma! Carinho especial aos amigos Carol, Uhle, Serginho, Vêi e Beto.

Ao grupo GEBOB e projeto “escolinha de basquetebol”, à todos que passaram por eles pelas experiências profissionais e afetivas proporcionadas. Especialmente à também colega de quadra Larissa, Deus que me perdoe, mas vai ser competente assim lá longe.

À todos os professores da FEF, principalmente Robertão, Cesinha e Hermes pela afinidade com o basquetebol e pelo exemplo de profissionalismo e competência.

Valeu gente...

## Resumo

Existem diversas metodologias possíveis de serem aplicadas ao ensino do basquetebol. Algumas delas restringem o aprendizado das crianças aos aspectos técnicos, táticos ou físicos. Outras metodologias possibilitam aos alunos adquirirem um conhecimento amplo sobre o esporte, em todas as suas dimensões. Neste contexto, o ensino da modalidade tem como foco o desenvolvimento integral do aluno, ampliando suas possibilidades através de atividades que estimulem a cooperação e o prazer pela prática. Levando em consideração as necessidades específicas de crianças na faixa etária dos sete aos nove anos de idade, o estudo se justifica por atribuir à iniciação esportiva um significado educativo, pois para nós o esporte pode ser um facilitador do processo educacional. Este estudo elenca as diversas possibilidades metodológicas e analisa em campo como as práticas são aplicadas. A pesquisa é qualitativa e os métodos utilizados são: pesquisa bibliográfica, observação das aulas coletando dados para um diário de campo realizado durante a observação e entrevista semi-estruturada com os professores responsáveis. Os resultados obtidos evidenciam que há incoerência entre o discurso metodológico e a sua prática, mas também evidenciam que é necessário buscar novas propostas metodológicas para dar conta do esporte como fenômeno, e possibilitar as crianças praticar o basquetebol desenvolvendo todas as suas competências.

## **Sumário**

<b>Introdução.....</b>	<b>6</b>
<b>I. Pedagogia do esporte: considerações teóricas.....</b>	<b>8</b>
<b>II. Pedagogia do esporte: considerações práticas.....</b>	<b>25</b>
<b>II. 1 O contexto da pesquisa.....</b>	<b>25</b>
<b>II. 1a Materiais e métodos.....</b>	<b>25</b>
<b>II. 1b Amostragem.....</b>	<b>26</b>
<b>II. 1c Pesquisa-piloto.....</b>	<b>27</b>
<b>II. 2 Apresentação e discussão dos resultados.....</b>	<b>27</b>
<b>III. Considerações finais.....</b>	<b>33</b>
<b>IV. Referências bibliográficas.....</b>	<b>35</b>
<b>V. Anexos</b>	

## **Introdução**

O basquetebol é uma modalidade esportiva disseminada no Brasil, que entre outras funções, tem sido utilizada por professores como meio facilitador do processo de ensino de habilidades motoras básicas e específicas. A pedagogia do esporte oferece várias alternativas metodológicas que podem ser aplicadas à iniciação do basquetebol.

Considerando as possibilidades de ensino do basquetebol, cabe ao professor ter claros os objetivos almejados e escolher um método compatível a ser utilizado. Mas nem sempre há uma preocupação no momento desta escolha, restringindo e limitando as possibilidades pedagógicas do esporte nos vários ambientes onde acontece a educação formal e não-formal.

As conseqüências desta prática de ensino mal-estruturadas podem ser detectadas em estudos quanto a evasão do esporte, a competição e a especialização precoce, à utilização de métodos já ultrapassados de ensino. Acreditamos que o problema gerador destas conseqüências seja a utilização de metodologias impróprias para crianças na faixa etária dos sete aos nove anos de idade.

Identificando este problema, o estudo pretende analisar as diversas formas de ensino do basquetebol, para entender como elas influenciam na aprendizagem da criança. Acreditamos que as práticas devem estar fundamentadas nas diversas teorias, para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra garantindo o bem estar dos alunos, respeitando as características próprias das diferentes idades, as diferenças entre cada criança, através de atividades lúdicas para motivá-las à prática constante da modalidade.

Este estudo tem assim como objetivo geral estudar as possíveis metodologias de ensino dos esportes coletivos e especialmente do basquetebol, identificando seus objetivos, vantagens e desvantagens, conhecendo as implicações que acarretam conseqüências futuras para as crianças que são iniciadas na modalidade através delas.

E de uma maneira específica registrar de forma exploratória as práticas de ensino do basquetebol no ensino formal e não formal. Também identificar metodologias que podem restringir as possibilidades de aprendizagem dos alunos, analisando seus pontos problemáticos, entendendo assim porque elas devem ser evitadas na iniciação ao basquetebol para crianças entre sete e nove anos de idade; do mesmo modo identificar qual

metodologia tem um valor educacional que não limite suas possibilidades de aprendizagem, que enriqueça as experiências motoras, cognitivas, afetivas e sociais das crianças.

E também analisar as teorias e as práticas utilizadas na iniciação do basquetebol, identificando o acesso dos professores à diferentes métodos e a aplicação destes métodos em suas aulas.

Este estudo se justifica pela necessidade permanente de buscar dar ao ensino dos esportes um tratamento pedagógico, para que na prática, cada vez mais crianças tenham a possibilidade de uma aprendizagem ampla, na tentativa de evitar o funil elitista da prática do basquetebol e a evasão do esporte. Se justifica também pela necessidade de compreender porque a ênfase à competição é prejudicial ao desenvolvimento da criança, e porque ainda hoje as práticas de ensino enfocam demasiadamente os aspectos técnicos da modalidade.

## **I. Pedagogia do esporte: considerações teóricas**

Através do primeiro contato que a criança ou jovem tem com a prática de diferentes modalidades esportivas se dá a iniciação. Ela pode acontecer em instituições de ensino formal nas escolas, não-formal em clubes, escolas de esportes e academias e no ensino informal até mesmo nas ruas, parques ou espaços recreativos, mesmo sem acompanhamento de um instrutor, professor, técnico ou monitor. Este primeiro contato vai desencadear reações nos indivíduos, que oscilam entre o interesse e a curiosidade pela prática constante e ampliação dos conhecimentos de alguma modalidade específica, e entre a rejeição, o repúdio e o abandono da prática esportiva. Por isso há necessidade de um acompanhamento pedagógico que dê conta de transmitir conhecimentos esportivos básicos e também estimular o interesse e apreciação pelo esporte por parte da criança, assumindo uma atitude educativa de incentivo a busca e manutenção de hábitos saudáveis de vida.

“A prática desportiva não pode ser vista isolada do processo educativo: tem de contribuir para o desenvolvimento do indivíduo nos planos físico, social, emocional e intelectual.” (COELHO, 1988, p. 27).

O profissional que trabalha na iniciação esportiva com preocupações pedagógicas tem como objetivo transmitir conhecimentos na área de esportes para seus alunos, além de educá-los para a vida em sociedade e para se tornarem cidadãos críticos. Estes conhecimentos devem abranger as habilidades físicas, cognitivas e emocionais que possibilitem a prática, o entendimento, a discussão e a apreciação dos esportes em qualquer ambiente (profissional, amador, recreacional). Segundo Bento (1989) devem também proporcionar intenção de uma prática constante na busca pela qualidade de vida, uma educação moral social, conhecimentos de habilidades e capacidade motoras essenciais e autonomia para prática do desporto nas horas de lazer.

Para atingir estes objetivos o professor utiliza um conjunto de formas de ações, métodos capazes de administrarem estes conteúdos. Segundo Ferreira (1988, p. 431, grifo do autor):

“**método**. *S. m.* 1. Caminho pelo qual se atinge um objetivo. 2. Programa que regula previamente uma série de operações que se devem realizar, apontando erros evitáveis, em vista de um resultado determinado. 3. Processo ou técnica de ensino. 4. Modo de proceder; maneira de agir. 5. Meio”

A literatura retrata alguns métodos utilizados para o ensino dos jogos desportivos coletivos. Cada método tem como objetivo principal melhorar o desempenho da criança em determinada modalidade. Os três métodos básicos são: o parcial, que objetiva ensinar o esporte através do seu fracionamento minucioso, que Graça (1995) relata como forma de ensino através das habilidades fechadas, descontextualizadas do jogo; o global, que parte da prática do próprio esporte para o ensino; e o misto, que mescla os dois métodos anteriores, o global para verificação e análise do desempenho esportivo e o parcial para o aprendizado e aprimoramento do que não foi realizado em jogo. A partir destes três surgem variações.

O método analítico-sintético citado por Greco (1998), utiliza o fracionamento tanto dos gestos como do próprio jogo para o aprimoramento das partes, que posteriormente são seqüenciadas completando o todo para a prática do jogo. Este método privilegia o domínio das técnicas básicas inerentes ao jogo, tendo como espelho o desempenho motor dos atletas profissionais da elite esportiva. Quando há o fracionamento da tarefa as soluções são impostas e hierarquizadas, pois o professor já espera um determinado desempenho.

Greco (1998, v. 2, p. 42) ainda afirma que:

“Uma aula de iniciação esportiva está caracterizada (segundo os princípios do método analítico) pela seqüência de exercícios dirigidos ao aprendizado da técnica --- geralmente após um ‘aquecimento’ para, no final da aula, se proceder o jogo”.

Este tipo de metodologia pode ser bem dirigida se for aplicada para alunos que já possuem um conjunto de habilidades básicas (físicas e táticas) bem exploradas e trabalhadas anteriormente, servindo como complemento para o aperfeiçoamento de algumas habilidades específicas. Alguns autores como Paes (1992), Kunz (1994), Garganta (1995), Graça (1995), Greco (1998) entre outros, manifestam suas preocupações com relação a este problema que é descontextualizar a técnica dos movimentos da tática do jogo.

“... é o aperfeiçoamento do gesto com a finalidade de melhorar cada vez mais o rendimento no esporte, ou seja, apenas o sentido funcional do mesmo.” (KUNZ, 1994, p. 75)

Mahlo (1970) esclarece que os automatismos dos gestos são válidos para economizar energia e focar a atenção nas movimentações do jogo, isto para alunos em estágios avançados de conhecimentos desportivos, que espera-se já possuírem amplo repertório motor. No caso de ser utilizado para a iniciação esportiva, com crianças entre sete e nove anos de idade, proporciona um ambiente pobre de estímulos que limita seu desenvolvimento, e muitas vezes exige da criança uma performance que o seu corpo não está capacitado para fazer, dificultando o aperfeiçoamento posterior das habilidades. Este método é deficiente na infância, pois concentra o ensino no desenvolvimento das habilidades motoras e assim abstrai da criança a necessidade de estar criando consciência crítica e aprendendo a lidar com mudanças imprevistas durante o jogo.

Para Paes (1992) o ensino não deverá se prender ao gesto técnico, e sim proporcionar possibilidades de relação com o meio, preparação de movimentos úteis em qualquer atividade e incentivar a criatividade.

“A atividade que deve estar presente na iniciação do basquetebol é o jogo, acentuando-se sempre sua dimensão lúdica, não se subordinando o processo apenas as vitórias e derrotas, mas abrindo um universo maior, dando-lhe um valor educacional.” (PAES, 1992, p. 61)

Garganta (1995, p.21) também lembra:

“[...] que o jogo é uma unidade e como tal, o domínio das diferentes técnicas (passe, condução, remate, etc.) embora se constitua como um instrumento sem o qual é muito difícil jogar e impossível jogar bem, não permite necessariamente o acesso ao bom jogo”.

Outro método que não se encaixa no perfil do desenvolvimento de crianças entre sete e nove anos de idade é o método que Greco (1998) chama de confrontação e Garganta (1995) de forma centrada no jogo formal. Ele funciona com a aplicação do jogo formal assim como

os adultos o jogam, com suas regras e formas. O jogo não é adaptado, dificultando à criança iniciante selecionar adequadamente os estímulos pertinentes para uma melhor performance. Há inadequação também de materiais, prejudicando o desenvolvimento do aluno como afirma Paes (1992, p.53):

“É claro que uma criança, na tentativa de fazer uma cesta, com bola e tabelas próprias para adultos, terá maiores dificuldade do que a mesma tentativa com material adequado e apropriado para a sua idade; conseqüentemente o gesto técnico ficará prejudicado na globalização do movimento”.

O método de confrontação também é difícil de ser aplicado à grupos heterogêneos pela dificuldade de trabalhar com os sentimentos de sucesso e fracasso que podem surgir em decorrência dos diferentes rendimentos. Mas por outro lado, as aulas são motivantes porque facilitam os relacionamentos sociais, o aluno adquire experiência de jogo e a técnica é exigida tanto quanto a tática. Este método muitas vezes é caracterizado como política do “rola a bola”, em que o professor dá a bola e os alunos jogam, sem intervenções pedagógicas, planejamento ou preocupações por parte do professor para que todos os alunos tenham as mesmas condições de ensino e se desenvolvam. Segundo Garganta (1995), as ações são globais, mas não orientadas, inibindo o desenvolvimento cognitivo para o jogo sendo refletido no individualismo dos alunos. Assim a aula toma um caráter imediatista, recreacional, que tem como preocupação o divertimento e a distração das crianças, perdendo seu caráter educativo.

Kröger e Roth (2002) traçando um perfil das crianças que tem uma iniciação esportiva promovida em clubes e escolas de esportes em comparação com as que aprendem na rua, ou em espaços de lazer, chegam à conclusão de que as escolas de esportes provocam uma domesticação do aluno e restringem seu conhecimento por utilizarem os métodos parciais (principalmente os analíticos e de confrontação); já as crianças que aprendem jogando com os amigos desenvolvem autonomia e criatividade.

Eles acreditam que deixar o aluno jogar é a melhor maneira de ensiná-lo os esportes coletivos como na "Escola da Bola”.

“Na Escola da Bola fundamentalmente se objetiva o desenvolvimento da capacidade de jogo geral, da competência tática básica (*objetivo*). Serão oferecidas formas jogadas que são construídas tomando-se os elementos básicos para construir a idéia do jogo (*conteúdo*). Estes jogos devem ser apresentados às crianças e deixar que estas joguem (*método*)” (KROGER; ROTH, 2002, p. 15).

Eles também explicam que esse “deixar jogar” deve ser acompanhado das interferências pedagógicas necessárias para assegurar o bom desenvolvimento de todos os alunos.

“O objetivo básico do aluno pode ser divertir-se, porém, o objetivo básico do professor deve ser ensinar os indivíduos a se movimentar a aprender pelo movimento. Incorporar a diversão como instrumento de motivação é um objetivo importante de qualquer bom programa educacional. Mas quando a diversão torna-se para o professor o objetivo básico do programa, esta deixa de ser educacional e torna-se pouco mais do que um período de recreação”.(GALLAHUE, 2001, p. 569).

Quando o professor utiliza o jogo como forma de ensino, as interferências pedagógicas são essenciais para descaracterizar a recreação sem compromisso educativo.

Gallahue (2001, p.106) se preocupa em deixar claro a importância de promover o desenvolvimento integral, contínuo e amplo do aluno evitando a especialização precoce,

“[...] deve-se tomar cuidado para que a criança não restrinja seu envolvimento a certas atividades, especializando-se em algumas. Um enfoque restrito das habilidades, neste estágio, provavelmente provocará efeitos indesejáveis nos últimos dois estágios da fase de movimentos especializados”;

A especialização precoce é geralmente decorrente de métodos parciais de ensino dos esportes, em que os professores se preocupam em promover rápidos resultados na performance da criança, para que estas vençam competições, que podem ser as tradicionais olimpíadas escolares internas, jogos municipais, regionais ou até algum campeonato de associações esportivas.

Tem sido comum observarmos no processo de iniciação esportiva, práticas pedagógicas preocupadas com a busca da plenitude atlética em crianças, valorizando de forma excessiva a competição. Os excessos no sistema de competição e de especialização precoces têm causado problemas em diferentes dimensões. Segundo Kunz (1994, p.45) especialização precoce é:

“[...] quando crianças são introduzidas, antes da fase pubertária, a um processo de treinamento planejado e organizado à curto prazo que se efetiva em um mínimo de três seções semanais, com objetivo do gradual aumento do rendimento, além de participação em competições esportivas.”.

Ela vem quase sempre vinculada a competição, onde é desenvolvido um treinamento em aula exigindo e avaliando o aluno durante confronto entre equipes. Para Paes (1992, p. 85)

“[...] a competição precoce, deixa de ter valor educacional a partir do momento em que deixa de ser simplesmente um jogo e passa a ser competição. Disputar um campeonato é tentar ser campeão, portanto prevalece a disputa e não a participação, evidenciando assim um objetivo maior, que não é educacional”.

A valorização dos resultados, como vitórias e derrotas, pode fragmentar a idéia de continuidade do processo educativo, que a cada aula ou treino deve proporcionar uma aquisição gradual de conhecimentos. Em síntese, se a criança não compreende essa dinâmica, pode ter uma falsa sensação de que chegou a seu limite e pode equivocadamente acreditar que ocupa uma posição de inferioridade perante os outros colegas, assim como esses colegas podem acreditar que ocupam uma posição de superioridade. Esta situação pode comprometer a motivação dos alunos com relação a prática da modalidade.

Outro aspecto relevante na especialização esportiva precoce diz respeito ao posicionamento tático, pois o professor muitas vezes de forma arbitrária e inflexível, baseado em características físicas e motoras momentâneas, delimita as posições a serem tomadas pelos alunos durante o jogo. No basquetebol as funções de armador, ala/lateral e pivô têm campos de ações diferenciados. Tendo em vista a fase de desenvolvimento e crescimento da criança este procedimento pode se mostrar eficiente em curto prazo,

entretanto durante o passar do tempo aquelas características que antes determinavam o posicionamento podem se modificar. Isso:

“[...] demonstra um sério problema da competição precoce: a exploração momentânea de algumas qualidades da criança, não considerando fatores de outra natureza, a não ser o imediatismo quanto ao resultado”.(PAES,1992, p. 80).

Kunz (1994) acredita que a rigidez dos gestos esportivos e os movimentos pré-determinados que foram desmembrados para o treinamento dos iniciantes apenas contribuem para o aumento da concorrência e da competição no esporte. Isso pode acarretar desmotivação diante da monotonia e da inibição das manifestações criativas, também exarcebar valores como vitória e derrota enquanto valores exclusivamente dependentes de respostas motoras do ponto de vista técnico, acaba assim excluindo também a qualidade de equipe presente nos jogos esportivos coletivos quando centra a responsabilidade nos gestos individuais.

Outra metodologia citada por Greco (1998) é a global-funcional, que através dos jogos se dá o processo pedagógico. Estes jogos são a simplificação e adaptação dos jogos esportivos formais (basquetebol, por exemplo) às diferentes faixas etárias e capacidades técnicas dos alunos.

“Assim para chegar a prática do esporte o aluno passará por vários jogos preparatórios”. (GRECO, 1998, p.43, v2).

O método global defende o princípio de que através de jogos as estruturas básicas e a idéia central dos jogos coletivos desportivos são abordadas. São simplificações do jogo formal em si e não fracionamentos, principalmente das técnicas. Os jogos motivam a criança, e suavizam as dificuldades impostas pelo jogo formal devido a sua complexidade, assim ela consegue jogar e sua introdução aos jogos formais se torna mais fácil, quando ela estiver cognitiva e fisicamente preparada para esta complexidade.

Mahlo (1970), assim como Greco (1998), acredita que através dos jogos o ensino da tática acontece da melhor forma. Para ele:

“É a prática do jogo que solicita, desenvolve e provoca as capacidades lúdicas complexas, o poder de observação, o pensamento tático, as capacidades motrizes e as qualidades psicocaracteriais”. (MAHLO, 1970, p. 97)

Graça (1995) concorda que o ensino deva objetivar a natureza tática das habilidades, que ele chama de abertas por sua inserção no contexto do jogo, estimulam a ação pela seleção da resposta condizente com a situação. Bayer (1994) trata as respostas tomadas pelas crianças para as diferentes situações como “intenções táticas”. Assim ele propõe uma pedagogia das intenções e cita que:

“Este tipo de pedagogia solicita ao máximo os poderes decisórios dos jogadores (a sua reflexão tática). É a revalorização da criança enquanto ser que age, enquanto produtor do seu jogo e construtor do seu futuro.”(BAYER, 1994, p. 65)

De acordo com a teoria desenvolvimentista, crianças entre sete e nove anos estão passando por uma fase em que as habilidades motoras fundamentais ou básicas são adquiridas proporcionando uma maior variabilidade de movimentos e estímulos ao controle do próprio corpo, conhecer os limites deste corpo e suas crescentes capacidades. Para ampliar o repertório motor nas crianças e promover a exploração das tomadas de decisões de forma motivante e eficiente, Gallahue (2001) propõe uma metodologia que estimula o aprendizado através de atividades e jogos simples com poucas regras, provocando a aquisição e o aprimoramento de habilidades motoras básicas, até atividades mais complexas, como os jogos oficiais, que exigem habilidades combinadas e segurança para executá-las.

Paes (1992) também defende a aplicação de uma metodologia voltada para os jogos na iniciação esportiva acrescentando a importância do aspecto lúdico, pois acredita que ele seja um fator facilitador para a criança conhecer o seu próprio corpo, seus movimentos, desenvolver a noção de espaço se divertindo, além de ser o melhor indicador de evolução e limitação dos alunos como lembra Garganta (1995).

O método situacional apresentado por Greco (1998) é baseado em situações extraídas do jogo formal. Garganta (1995) propõe uma metodologia semelhante que ele chama de forma centrada nos jogos condicionados. Estes jogos são sugeridos pelo educador com idéia de provocar situações-problema para os alunos resolverem, tendo sempre presente as unidades funcionais, que Bayer (1994) cita como princípios operacionais.

As unidades funcionais ou princípios operacionais são as estruturas que norteiam a lógica interna dos esportes coletivos, estando presentes em todos eles. Greco (1998) relata estas unidades como sendo um objeto (bola), um espaço determinado que pode ser adaptado, alvos que determinam a presença de ataque/defesa e conseqüentemente parceiros/adversários, e regras específicas pré-determinadas. Garganta (1995) dispõe estas unidades funcionais em três níveis de relação. A estruturação do espaço provoca um nível de relação espaço-temporal que evidencia o posicionamento de cada aluno durante o jogo; as formas de comunicação proporcionam uma relação de informação através das diferentes formas de linguagem (gestual, verbal e motora), e a relação da movimentação da bola provoca uma organização coletiva em função das ações táticas.

Utilizando desta forma as unidades funcionais na escolha de um jogo, o professor respeita os diferentes níveis de experiências dos alunos, promove uma variabilidade de ações que enriquecem o repertório motor, melhora a leitura que os alunos fazem do jogo e incentiva as tomadas de decisões com criatividade, trabalhando com uma seqüência gradual de complexidade. Garganta (1995) relata uma escala crescente de complexidade através dos níveis de relação que a criança estabelece com os diferentes elementos do jogo, são eles: eu-bola, cuja atenção se volta para o controle da bola; eu-bola-alvo, superado o domínio da bola a atenção se volta para acertar o alvo; eu-bola-adversário, para chegar ao alvo deve-se enfrentar um adversário que tentará impedir a finalização; eu-bola-colega-adversário, a percepção é ampliada a ponto de trabalhar em conjunto com um colega para atacar e defender; eu-bola-colegas-adversários, percepção de mais companheiros; eu-bola-equipe-adversários, atenção à totalidade do jogo.

O jogo tem um componente essencial para melhoria do desempenho esportivo, pois para cada jogo deve-se utilizar uma tática própria. Mahlo (1970) apresenta, através da metodologia dos jogos, a intenção de promover um ensino da tática. Para que uma ação ocorra, ele cita três fases: a de percepção do problema, a de solução mental deste problema e por último a efetiva solução motora. Tavares (1995) também estabelece esta relação entre o processamento das informações com as performances esportivas, pois as ações motoras são apenas as finalizações de todo o processo de respostas às situações que aparecem. Os autores acreditam que devem ser trabalhadas estas três fases de forma prática e teórica, para desenvolver a autonomia tática individual e coletiva numa equipe.

Além deles, Balbino (2001) também retrata a importância de não apenas estimular as performances físicas que as crianças apresentam durante o jogo, mas também outros fatores presentes. Sua metodologia é fundamentada em três teorias. A teoria dos jogos coletivos desportivos, também defendida por Garganta (1995), comprovando a existência de princípios comuns dentro dos esportes coletivos que são passíveis de uma transferência pelas semelhanças encontradas em suas estruturas. A teoria sistêmica aplicada aos jogos pela relação que os indivíduos estabelecem entre si e como meio, criando subsistemas pertencentes ao sistema dos jogos desportivos coletivos, como Silva (1995, p. 77) diz que o conjunto:

“[...] é mais que a soma das partes, pois cada elemento depende do sistema a que pertence”.

E por fim a teoria das inteligências múltiplas, argumentando que a totalidade dos indivíduos se estabelece pela presença de vários tipos de inteligência, das quais todos são dotados. O termo inteligência é definido como a capacidade de processar informações que são ativadas pelos ambientes para solução de problemas, dependendo, portanto, dos valores culturais e sociais e dos estímulos que eles produzem.

Balbino (2001), em sua proposta, enfatiza o papel do ambiente criado pelo educador na intenção de promover situações-problema para os alunos, de modo que estimule as soluções utilizando as diversas inteligências. Fortemente embasado em Gardner, ele relata oito inteligências, suas formas de expressão e como elas podem ser estimuladas nos jogos desportivos coletivos. São elas: corporal-cinestésica, verbal-lingüística, lógica-matemática, musical, naturalista, intrapessoal, interpessoal e espacial. Balbino deixa claro que todos possuem todas as inteligências, umas menos e outras mais desenvolvidas, e que para a solução de um mesmo problema pode-se utilizar diferentes inteligências ou mesmo uma interação de várias inteligências.

O fator predominante para o desenvolvimento das inteligências é a estimulação. Quando há estímulos adequados, há desenvolvimento e aprendizagem para aplicação das inteligências no jogo e na vida. Outra preocupação de Balbino (2001) é evidenciar a função

do professor ou técnico como agente transformador, para que este faça do seu espaço de trabalho um meio, deixando nos alunos boas experiências e grandes aprendizados.

A maneira pela qual o professor transforma os conhecimentos transmitidos em aula para seus alunos em algo significativo é através dos métodos. Estes métodos estão embasados em teorias que explicam e comprovam a eficiência dos mesmos para melhoria de um determinado aspecto educacional. As teorias não somente tratam a questão de que conteúdo transmitir, mas também de que maneira transmiti-los. Elas enfocam como a abordagem deve acontecer e quais os critérios que o professor deve observar, estimular, objetivar, que princípios ele deve estabelecer no exercício diário de sua profissão. Cada princípio objetiva seus conteúdos pedagógicos relevantes e adapta o método segundo os seus interesses. Para Dietrich *et al* (apud Greco, 1998, v. 2, p.40) princípios são:

“[...] a expressão de diferentes teorias e objetivos pedagógicos e psicológicos que os transformam em fundamentos de organização para se chegar aos métodos de ensino-aprendizagem-treinamento.”

Xavier (1986) relata três teorias utilizadas pela educação física na relação ensino-aprendizagem. Uma delas é a conexionista, cujo princípio é de que o aprendizado acontece através de ensaios e erros. O aluno recebe estímulos que desencadeiam respostas, aquelas consideradas corretas são aceitas, mas as que o professor julgar inadequadas são interrompidas, desestimuladas e novamente testada, até que o aluno atinja o desenvolvimento desejado pelo professor (geralmente idealizando as ações dos atletas campeões). Esta teoria é bastante delicada porque há grandes probabilidades de o aluno se desinteressar. Aquele aluno que consegue atingir o ápice de desempenho idealizado pelo professor tende a estagnar seus conhecimentos, por achar que não há mais nada a ser aprendido; aquele que não consegue responder satisfatoriamente ao professor sente-se incapaz e perde interesse pela prática. De qualquer forma, utilizar o princípio de aprendizagem por ensaios e erros é desrespeitar a individualidade de cada criança e com isso desentusiasmar os alunos.

Outra teoria é a neocondutista que utiliza a seqüência, estímulo-resposta para aplicar o princípio pedagógico de mudança de conduta em função da prática. Segundo Xavier (1986, p. 6):

“[...] os hábitos formam-se pelo condicionamento que enlaça as respostas desejadas aos estímulos específicos”.

Os estímulos são sempre repetidos para que ocorra a adaptação dos alunos tanto aos estímulos quanto às suas respostas. Estes estímulos são situações previamente estabelecidas que exigem sempre as mesmas respostas (por exemplo ensaiar uma movimentação ofensiva sem defesa). Isto traz problemas ao ensino dos jogos desportivos coletivos tendo em vista o seu caráter de imprevisibilidade. Mesmo que algumas ações aconteçam com mais frequência, condicionar respostas a estes estímulos é empobrecer o repertório do aluno, cercear sua criatividade e desestimular sua confiança para tomar decisões.

“Para nós esta categoria só terá sentido, no momento em que for evidenciada sua ação educativa, e não simplesmente sua existência em função da prática de uma modalidade. Aí se coloca o movimento apenas em função da busca do rendimento. O movimento é somente questão de repetição, caracterizando-se basicamente como adestramento e não como atividade educativa” (PAES, 1992, p. 50)

A última teoria que Xavier (1986, p. 6) relata é a global. Aqui o princípio é o de totalidade das ações sendo impossível qualquer fracionamento dos jogos,

“[...] perceber os estímulos não como uma soma mas como um conjunto organizado.”

O aluno sendo visto como um ser completo terá que agir dentro do contexto do jogo. Xavier (1986) deixa transparecer a sua preferência por esta teoria, acreditando ser ela capaz de respeitar, motivar e educar.

As teorias conexionista e neocondutista têm um embasamento nas ciências biológicas, centrando o ensino em como o conhecimento é armazenado e utilizado apenas em seu aspecto mnemônico e de execução, contando como fundamentais apenas o bem estar físico e funcional do corpo. Há uma tendência natural dos adeptos destas teorias em escolher os métodos parciais e mistos para a aplicação dos conteúdos em sua aula. Já a teoria global

passa a dar grande importância também às ciências humanas, consideram o aprendiz nas suas relações físicas, mentais e sociais. As formas jogadas são sua maior representação.

Gallahue (2001) e Tani et al (1998), seguindo a linha das ciências biológicas e humanas, acreditam que os alunos sejam indivíduos completos e o aprendizado deve ocorrer então de forma integral. A partir dessa perspectiva eles confiam o aprendizado à teoria desenvolvimentista, que afirma que o indivíduo tem capacidade de se desenvolver conforme vai amadurecendo. O que determinará a qualidade desse desenvolvimento são os fatores ambientais e sociais que influenciam três níveis de domínio: cognitivo, afetivo e psicomotor.

Estas áreas de comportamento sofrem interferência de fatores tanto biológicos como ambientais, e estão presentes durante todo o desenvolvimento do ser humano, sofrendo sua influência e o influenciando. Para Gallahue (2001, p.5), é importante salientar que:

“[...] fatores pertinentes a tarefa, ao indivíduo e ao ambiente são não somente influenciados um pelo outro (interação), mas também podem ser modificados (transação) um pelo outro.”;

e ainda que:

“[...] não devemos perder de vista a natureza de inter-relação do desenvolvimento e das três áreas do desenvolvimento humano, mesmo que tenhamos a tendência de separá-las, por conveniência [...]”. (GALLAHUE, 2001, p. 19)

Partindo-se do pressuposto desenvolvimentista de que todos os indivíduos têm capacidade de se desenvolver, a teoria das fases sensíveis citada por Weineck (1991) retrata que durante o crescimento a evolução biológica não é linear, e as crianças apresentam etapas mais susceptíveis à assimilação de determinadas capacidades. Para ele, as crianças entre sete e nove anos de idade, devido à sua maturação, estão mais sensíveis ao trabalho de aprendizagem motora, às capacidades coordenativas gerais (equilíbrio, ritmo), ao desenvolvimento da velocidade e da flexibilidade. Portanto estes itens devem ser levados em consideração na hora da escolha das atividades, pois muitas delas trabalham esses fatores de forma isolada ou mesmo combinada.

Shiagunov e Pereira (1993) tratam o desenvolvimento global dos indivíduos dando ênfase ao aspecto emocional. Para eles a relação professor-aluno é muito importante. O

professor nas suas palavras, gestos e ações manipula o ambiente emocional da sua aula e dos alunos, assim como todas as interferências dos alunos contribuem para influenciar a estabilidade deste ambiente, e devem ser usadas para promover e educar o controle emocional das crianças. Outro autor que se preocupa com a relação professor-aluno é Diem (1977). Ele acredita na importância que o ambiente e as propostas pedagógicas, expressas também nas atitudes dos professores, têm na formação esportiva da criança. A esse conjunto ele chama de “quadro situacional”, e explica que este quadro se refere a estímulos variados, em constante mudança para enriquecer as experiências dos iniciantes:

“[...] pois nesta experiência previa vai basear-se todo o comportamento futuro da criança em relação aos esportes.” (DIEM, 1977, p. 31)

Quando Diem (1977) trata a exclusão na iniciação esportiva, ele diz que utilizando um princípio de individualização respeitando as diferenças entre os alunos, estimulando a liberdade de ação e utilizando um “quadro situacional” favorável ao desenvolvimento do aluno, o ambiente será estimulador favorecendo a inclusão das crianças.

Depois de conseguir uma maior adesão e frequência de um número cada vez maior de crianças na iniciação esportiva, o ideal é trabalhar com princípios pedagógicos para promover a educação física, cognitiva, emocional e também social, cultural, política e econômica como incentiva Medina (1995).

Kunz (1994) propõe ensinar os esportes através de um princípio que se utiliza três eixos para nortear seus objetivos. Os eixos são o do trabalho, pela competência objetiva de agir individual e coletivamente; o das interações, pelas relações socioculturais no contexto esportivo; o da linguagem, pela comunicação motora, gestual e verbal das atividades esportivas. Ele vê a possibilidade de através desses referenciais, efetivar o princípio de intervir na educação das crianças promovendo atitudes críticas e emancipadas.

O ensino de atividades físicas para um processo de transformação social é o que Soares *et al* (1992) acreditam ser o principal objetivo dos professores, através de atitudes participativas, produtivas, criativas e comunicativas. A idéia é ensinar os alunos a fazer uma leitura da realidade não mais baseada no senso comum, mas no conhecimento científico elaborado, hipotetizando, argumentando, enfim tendo um pensamento crítico. Tanto o esporte como todas as manifestações culturais presentes na realidade social dos alunos

devem servir de meios para efetivar uma atitude pedagógica voltada para a promoção de autonomia.

É preciso que o professor sempre tenha em mente que não existe fatalismo, quando uma criança não consegue atingir autonomia no desporto, não é pela sua falta de capacidade, mas seu insucesso é atribuído à interferências pedagógicas inadequadas.

A aula de iniciação esportiva deve atuar não somente na transmissão de conhecimentos esportivos, mas na promoção de um ambiente crítico, acolhedor, motivador, estimulante, onde as crianças possam agir e interagir em diferentes ambientes de forma autônoma. Deve também pautar como objetivo maior um processo de emancipação e utilizar o esporte para traçar os caminhos.

O professor tem importância fundamental neste contexto, pois para promover um ambiente questionador, onde a ação e reflexão caminham juntas, ele deve manter a comodidade da alienação afastada, evitando fazer de sua aula uma doutrinação à domesticação ao condicionamento e a pura recepção de conhecimentos. Bento (1989) se preocupa tanto com isso que acredita ser função apenas da escola formal o ensino desportivo, para assegurar um compromisso social-pedagógico. Mas acreditamos que a busca pela qualidade de ensino e a consciência da responsabilidade social, aliada a uma boa formação profissional, garantem competência ao professor.

Bracht (1987) descreve que o ambiente desportivo provoca uma aceitação, acomodação e conformidade incondicional às diferenças sociais de dominação e exploração das classes. Nós acreditamos que o mesmo esporte possa educar para autonomia quando assume responsabilidades pedagógicas. A partir daí o ambiente questionador criado dentro do jogo passa a interferir nos demais ambientes do cotidiano da criança, pois esta, de acordo com Paes (1992), Gallardo (1997), Diniz (2000), Montagner (1993), Gallahue (2001), Balbino (2001), entre outros, estabelece uma inter-relação com professores, amigos, pais, familiares, com o meio cultural e a sociedade nele inserida.

Através dessa forma educacional a criança perceberá a importância da prática esportiva e outros hábitos saudáveis na promoção da qualidade de vida, tornando essa prática duradoura. A escolha do método fica subordinada aos objetivos pedagógicos estabelecidos, pois todos desenvolvem pontos importantes na formação esportiva dos indivíduos.

Entretanto, acreditamos que uma metodologia voltada para os jogos onde as crianças entre sete e nove anos de idade possam desenvolver a quantidade e a qualidade de suas habilidades motoras básicas, estimular suas múltiplas inteligências, desenvolver seus aspectos cognitivos, afetivos e também motivacionais, seja a melhor forma de educar para a emancipação e autonomia que transcenda o esporte.

Os jogos permitem otimizar o processo educativo dos esportes coletivos tanto às crianças com dificuldades de aprendizagem como aos talentos esportivos, respeitando as individualidades dos jogadores e utilizando estas individualidades no contexto do jogo. Assim todos os participantes ganham importância e se motivam.

Para uma maior conexão dos jogos com as práticas desportivas formais é interessante sempre esclarecer aos alunos, a importância de fazer transferências daquilo que eles aplicam nos jogos para a prática das modalidades coletivas, e outras situações do cotidiano. Os alunos devem sempre estar cientes dos objetivos das aulas, estabelecendo assim uma concepção aberta no ensino dos esportes, para que se inicie um processo de cooperação das crianças tanto na execução das atividades propostas como na escolha destas atividades, nas escolhas das regras presentes no ambiente de ensino e dos jogos, tornando real o papel de decisão delas, estabelecendo uma relação de confiança entre professor/aluno. Esta concepção aberta, como cita Hildebrandt e Laging (1986, p. 8), deixa de ser

“[...] unilateral, que aciona exclusivamente ensino e aprendizagem, mas sim na sua bidimensionalidade, ou seja, como ensino-aprendizagem orientado para a matéria por um lado, e por outro para a educação pedagógica, como intenção social”,

pois os dois aspectos são de igual importância para serem desenvolvidos nas crianças. Pelo fato de o aluno ser visto como um indivíduo a ser educado e não como um objeto da aula, é possível estimular a autonomia promovendo discussões, diálogos e utilizando as manifestações dos alunos (seus objetivos, conceitos, criatividade, resultados por eles esperados) como *feedback* para implementar, modificar e até mesmo preparar a aula, que previamente foi direcionada pelo professor.

Cabe aqui citar Freire (2003) que diz que nossa obrigação profissional enquanto professores de educação física é: ensinar esporte à todos, ensinar bem esporte à todos, ensinar a gostar de esporte e ensinar mais do que esporte à todos.

## **II. Pedagogia do esporte: considerações práticas**

### **II. 1 O contexto da pesquisa**

#### **II. 1a - Materiais e métodos**

A pesquisa de campo foi realizada com a finalidade de registrar e analisar as diferentes práticas de ensino do basquetebol nos ambientes de educação formal e não-formal. As técnicas utilizadas no estudo de campo foram a observação e a entrevista.

O método de observação foi escolhido por permitir documentar através de um diário de campo o comportamento dos professores e alunos na prática real da aula/treino. Desta forma tornou-se possível uma coleta de dados rica, contendo informações sobre as práticas de ensino. Segundo Lakatos e Marconi (1991) a observação foi sistemática na medida em que se seguiu um diário de campo com as normas estabelecidas por Trivínos (1987) informando sobre as características descritivas do local observado, as atitudes dos professores e as reações dos alunos. Foi também não participante e individual pelo fato de ter sido feita por um observador que não interferiu e nem entrou em contato direto com o ambiente.

Para evitar a perda de informações relevantes para o estudo foi realizada simultaneamente uma coleta de dados videografada, para que posteriormente os diários de campo pudessem ser enriquecidos e comprovados através de uma análise videográfica.

Por último, foi aplicada uma entrevista semi-estruturada com os professores/técnicos observados, que segundo Lakatos e Marconi (1991) deveria dar conta de entender os caminhos pelos quais levou-os a promover determinadas práticas, quais os objetivos almejados, saber por meio de definições pessoais qual a conduta adequada em determinada situação. A entrevista semi-estruturada foi escolhida por conter um roteiro para nortear o que era de interesse, mas com a possibilidade de aprofundar em algum ponto específico relevante ao estudo.

As questões apresentadas foram:

- Nome e idade;
- Formação acadêmica;

- A instituição que trabalha;
- Há quanto tempo trabalha na instituição;
- Com quantas crianças trabalha por aula;
- De que faixa etária;
- Durante a formação teve acesso a quais teorias de ensino-aprendizagem;
- É adepto de qual delas;
- Na opinião pessoal, qual é a importância do embasamento teórico na construção do plano de aula para o ensino dos esportes;
- Julga necessárias as interferências no processo de ensino-aprendizagem;
- Como pessoalmente promove essas interferências;
- A quais metodologias de ensino dos esportes teve acesso;
- Como aplica as metodologias na prática;
- Quais os resultados obtidos com a metodologia aplicada;
- Teve experiências com outras metodologias;
- Por que mudou;
- Opinião própria sobre qual metodologia considera mais adequada para o ensino do basquetebol para crianças.

As técnicas são complementares, foram utilizadas para evitar as interferências do pesquisador e ampliar a documentação.

## **II. 1b - Amostragem**

Para coleta de dados da pesquisa de campo foram selecionadas aleatoriamente duas populações distintas para análise, uma vinda da educação formal, caracterizado pelo ensino do basquetebol dentro do currículo de uma escola estadual, que segue os parâmetros nacionais; outra vinda da educação não-formal, caracterizado pelo ensino do basquetebol dentro de uma praça de esportes municipal, seguindo uma política pública de incentivo ao esporte.

## **II. 1c - Pesquisa-piloto**

A pesquisa-piloto foi realizada no projeto de extensão universitária “escolinha de basquetebol” da faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

Os resultados obtidos com a pesquisa-piloto foram satisfatórios à medida que proporcionaram uma coleta de dados, utilizando os métodos de entrevista semi-estruturada e análise videográfica, suficientes para a análise e confrontação da prática com as teorias de ensino do basquetebol, e indicaram a necessidade de mais um instrumento para coleta de dados.

A entrevista semi-estruturada mostrou ser eficiente, abordando os pontos de interesse propostos anteriormente nos objetivos do estudo. A análise videográfica foi útil, mas sentimos a necessidade de torná-la complementar de um diário de campo, em que o observador coletasse os dados em tempo real, para que detalhes pudessem ser anotados.

Portanto para a pesquisa de campo optou-se em utilizar os métodos de diário de campo, análise videográfica e entrevista semi-estruturada.

## **II. 2 Apresentação e discussão dos resultados**

A prática aplicada pelo professor responsável (sujeito 1) tem embasamento metodológico na proposta de Balbino (2001), que se pauta nas teorias dos esportes coletivos, teoria sistêmica e das inteligências múltiplas, também destacando pontos relevantes da teoria desenvolvimentista. Durante a entrevista, o professor parece ter ficado um tanto confuso quanto às diferenciações conceituais entre metodologia e teoria, e não soube exemplificar no momento teorias aplicáveis ao ensino dos esportes, muito embora considere de vital importância para nortear um trabalho.

Já quanto à metodologia deixou claro que a base de sua prática aplicada é através do jogo:

“[...] trabalho com brincadeiras, com jogos pré-desportivos, com jogos em si, com o esporte também, trabalhamos dentro dele com a adaptação de regras[...]”.

O professor diz seguir basicamente as propostas de Garganta (1995) e Greco (1998), mas sua prática se aproxima mais do “jogo possível” citado por Paes (2001) onde as crianças jogam de acordo com suas características, criando suas regras, adaptando sua estrutura para garantir a participação e o desenvolvimento de todos os alunos. Na prática observada e filmada podemos notar que as brincadeiras estavam presentes durante a aula, assim como atividades adequadas à fase de desenvolvimento, atendendo a todos os níveis de aptidão.

Durante o jogo de basquetebol ficou evidenciada a intervenção do professor quando propôs mudanças nas regras, quando foi conversar com um aluno que havia abandonado a aula. Questionado a respeito da importância e finalidade das interferências pedagógicas o professor disse:

“Eu julgo bastante necessárias, porque...até pras crianças poderem saber o que você tá trabalhando...se você tá...se aquilo lá é só uma brincadeira ou se é uma brincadeira que tem algum objetivo. Pras crianças você tem que deixar claro qual é o objetivo da brincadeira[...].”

Assim fica descaracterizada uma estrutura próxima a apenas recreação isenta de interferências pedagógicas e fica evidenciado o que Balbino (2001) utiliza como “agente pedagógico” que é mais que um simples reprodutor de idéias, interferindo diretamente na educação da criança.

Interessante observar pela fala do professor que ele adapta as metodologias e até algumas teorias de acordo com o público que trabalha em diferentes momentos. Isso é extremamente válido porque cada grupo tem diferentes objetivos, metas, e um determinado nível de conhecimento prévio. O que inevitavelmente não muda são os princípios que caracterizam o próprio perfil profissional do professor e seu embasamento teórico, que tem intenção de formar os alunos de maneira global. Esta característica fica explícita quando ele diz:

“Para ela [a criança] é muito mais importante aprender a sociabilizar com os amigos, dividir a bola...aprender a ocupar espaços na quadra do que propriamente ter uma técnica perfeita.”

Nesta fala destacam-se alguns fatores pertinentes a postura do professor, fica clara sua preocupação com o fator do desenvolvimento social e de cooperação das crianças, concomitante a preocupação em melhorar as habilidades físicas e cognitivas, assim também como a emancipação dos gestos pré-determinados, buscando a autonomia e criatividade para produzir novos movimentos. Tudo isso através de jogos que respeitam a individualidade dos alunos motivando-os para a prática constante.

A teoria global fica evidenciada e os métodos utilizam atividades que todos os alunos participaram efetivamente, com seu próprio estilo, de maneira empolgada, respeitando a figura do professor e do ambiente da aula, ajudando a reconstruir as normas e regras. O princípio adotado é ensinar não apenas o esporte, mas transcender para valores sociais e educativos. Cruzando as informações contidas na entrevista e as informações contidas na observação da filmagem videográfica, acreditamos que o professor estabeleceu uma relação condizente entre a prática e a teoria de suas aulas, proporcionando um sistema de ensino considerado aquele que mais assegura bons resultados pedagógicos para as crianças.

Ao analisar o segundo ambiente de ensino do basquetebol, uma instituição formal de ensino (escola estadual), observou-se uma aplicação equivocada das metodologias de ensino dos esportes.

A atividade proposta quando utilizada com objetivo pedagógico é muito rica, pois pode ter como meta trabalhar os fundamentos drible e arremesso, a pressão de tempo presente no jogo quando se exige velocidade, as múltiplas inteligências quando se utiliza contos, em forma de disputa que incentiva e motiva a participação.

Mas durante a entrevista a professora deixou muito claro que o objetivo real deixa de ser o basquetebol para ser a recreação. O basquetebol é apenas o caminho para fazer a criança se divertir e se movimentar. Por exemplo, quando ela diz que acredita ser importante buscar embasamento teórico para resgatar brincadeiras da sua infância que trabalhavam coordenação e:

*“toda a movimentação do corpo”[...]“Então eu estou resgatando né, essas brincadeiras que eu brincava, que eu achava importante pra mim, pra minha coordenação [...]”.*

Também quando ela fala sobre interferir no processo de aprendizagem, que ela acredita ser inadequado em alguns momentos:

*“Porque às vezes eles [alunos] acham que estão certos [...] então dependendo da faixa etária, a idade deles, não deve interferir, não”.*

Quando não há intervenções, não há processo de ensino, passa a existir então uma prática recreacional orientada, com a intenção apenas de diversificar as atividades para evitar a monotonia. Existe a possibilidade da professora ter interpretado interferência como punição, mas a interferência pode e deve ser feita acrescentando mais informações e novas alternativas, evitando enfatizar os erros.

Da forma como foi negada a interferência, a prática pedagógica é descaracterizada, podendo reduzir as possibilidades do ensino do basquetebol a apenas momentos de descontração, sem objetivos nem conteúdos educacionais.

O problema está provavelmente na formação profissional, como a própria professora relata que não foi preparada para trabalhar com essa faixa etária:

*“Quando eu me formei não existia... Educação Física infantil, não tive...”*

Houve uma evolução acelerada das pedagogias de ensino dos esportes, em que o próprio esporte passou a ser entendido e utilizado com diferentes objetivos. Portanto é necessário uma formação continuada para qualificar os professores.

O ambiente também exerce pouca ou nenhuma influência, pois a escola não é apenas um local de lazer, mas um espaço destinado a formação de conduta, caráter, cidadania, além de capacitar para a vida cotidiana, como retrata Soares et al (1992), Kunz (1994), Paes (2001) entre outros. É função da educação física escolar atender a estes objetivos através dos conteúdos de atividades físicas, como o esporte e no caso o basquetebol.

Ao analisar a aula da escola de esportes da prefeitura percebeu-se uma diferença com relação a sua estrutura comparada a estrutura da aula analisada no ensino formal, na escola houve apenas um exercício, que as crianças foram instruídas a praticar, já no ensino

não-formal as crianças foram um pouco mais autônomas tendo a possibilidade de escolher uma brincadeira e se organizar durante o jogo.

O professor da prefeitura diz que o programa das aulas é estruturado pensando na possibilidade da criança participar de um processo continuado de ensino do basquetebol onde ela começa com 7/8 anos de idade e tem a possibilidade de continuar até seus 17/18 anos, pelos objetivos que ela escolher. O que evidencia uma tendência à promover uma continuidade da criança no projeto até que ela passe por todas as fases. Na escola estadual a continuidade no processo é quase certa, mas existem muitos outros conteúdos que a educação física escolar deve dar conta.

Os professores acreditam na formação acadêmica e na importância tanto do conhecimento prático do ensino, como no conhecimento teórico, mas o professor da prefeitura tem o cuidado de deixar as crianças construírem e interagirem com o jogo ao mesmo tempo em que promove intervenções e dita caminhos quando acha ser necessário. O fato de ele ter sempre utilizado a mesma metodologia de ensino não quer dizer que ele não conheça outras, mas que optou por esta de forma consciente na tentativa de evitar a especialização precoce e estimular a prática esportiva, principalmente do basquetebol. Isso fica claro quando o professor diz ter optado por acreditar em suas características pedagógicas e na sua aplicação educativa. Porém é possível notar que ainda há um vínculo muito forte com uma metodologia parcial, pois o professor se preocupa em determinado momento da aula destacar o trabalho dos fundamentos da modalidade isolados do contexto do jogo.

Os resultados que foram obtidos durante seus anos de profissão são também bastante interessantes, crianças que começaram com oito anos na escolinha de basquetebol, algumas delas continuaram a prática da modalidade de forma competitiva, mas as que optaram por outros caminhos desenvolveram uma relação com o professor e com o esporte de prazer. Por tanto o caráter educativo foi efetivamente desenvolvido nas aulas e proposto no programa a estas crianças, que visava não somente o aprimoramento de uma determinada prática esportiva (basquetebol), mas também o convívio social, afetivo e autonomia de entender que mesmo seguindo outras áreas profissionais, o basquetebol poderia estar presente de forma saudável como prática de lazer.

A coleta de dados nestes três diferentes ambientes proporcionou uma discussão enriquecedora, porém que tem a possibilidade de ser ampliada e aprofundada em um estudo posterior.

### III. Considerações finais

Ao analisarmos a documentação organizada do material coletado, detectamos três fenômenos distintos que se relacionam com o cotidiano da iniciação desportiva, influenciadores do contexto da aprendizagem do basquetebol.

O primeiro deles é uma incoerência entre o discurso dos professores e suas práticas aplicadas. Nota-se que o discurso se baseia na teoria global, estando os objetivos do professor centralizados no fato de motivar à prática da modalidade e promover uma otimização do desenvolvimento integral da criança. Porém as práticas ainda se limitam ao ensino pelo método parcial, enfocando trabalhar isoladamente os fundamentos do basquetebol, como se aprender a jogar significasse apenas agrupar os fundamentos. Mas o jogo exige mais do que respostas motoras, é necessário entendê-lo e se relacionar bem com os demais integrantes da equipe. Ora, se o discurso propõe um desenvolvimento integral através do jogo com embasamento nas teorias globais e o método utilizado é o parcial com o fracionamento das ações do jogo, fica evidente a incoerência, pois o método deve ser estabelecido através dos princípios vinculados às teorias, que devem condizer com os objetivos do professor.

Esta situação demonstra que há, por parte dos professores uma preocupação em buscar novos referenciais teóricos para promover o processo de aprendizagem que contemplem o ensino integral do aluno, porém a aplicação prática destas propostas não está acontecendo. Uma tentativa de explicar as causas que tem levado os professores a não mudarem o perfil de suas aulas é a falta de acesso a diferentes formas de intervenções pedagógicas, pois não conseguem fazer a criança perceber que durante o jogo ela está mais do que brincando, está aprendendo. Deste modo o aluno tem dificuldades de transferir os conhecimentos aprendidos nas brincadeiras para o jogo de basquetebol e o processo parece agir de forma mais lenta, equivocadamente transmitindo a impressão de ser ineficaz.

O segundo fenômeno diz respeito aos ambientes estudados. Embora tenham propostas diferentes e atendam a populações também diferentes existe uma semelhança dos procedimentos aplicados. Isso se deve ao fato de pensar a modalidade basquetebol como um fim e não como meio para atingir objetivos maiores. Se resumirmos a iniciação esportiva a prática da modalidade, excluímos possibilidades de intervenções pedagógicas

através do esporte. Como vimos o ambiente esportivo pode potencializar o desenvolvimento integral da criança e fazer a relação ensino-aprendizagem relevante à formação e capacitação das competências físicas, cognitivas, sociais, psíquicas e afetivas, mas para isso é necessário objetivar além da prática do jogo.

O ambiente mais diferenciado foi o de dentro da faculdade pela própria característica local, pois o projeto de extensão universitária está intimamente ligado ao estudo, pesquisa e aplicação prática de conhecimentos.

Um último fenômeno detectado evidencia que embora haja uma incoerência teórico-metodológica nos procedimentos dos professores, existe uma preocupação quanto à motivação das crianças. É consenso entre os professores entrevistados, ao menos teoricamente, que atividades lúdicas dão conta de atender aos objetivos propostos e ao mesmo tempo incentivar os alunos, respeitando as características específicas das crianças, que incluem brincar. Este é um grande passo para as aplicações práticas se tornarem coerentes com a teoria, visto que desta forma os professores passam a entender a criança como um ser diferenciado, de características próprias que devem ser respeitadas.

Fica então claro para nós que devemos buscar dar ao esporte um tratamento pedagógico, que de conta de ensinar basquetebol para as crianças transcendendo sua prática de forma divertida. Para isso devemos utilizar metodologias que tenham embasamento teórico capaz de respeitar as características específicas de cada idade.

E ainda devemos estudar constantemente o fenômeno esportivo, para garantir uma formação profissional continuada que garanta um processo de ensino seguro e integral do basquetebol para as crianças.

#### IV. Referências bibliográficas

BALBINO, H. F. **Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas:** bases para uma proposta em pedagogia do esporte. Campinas: [s. n.]. 2001. Dissertação (mestrado em educação física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos.** Lisboa: Dinalivros, 1994. Coleção Desporto.

BENTO, J. O. **Para uma formação desportivo-corporal na escola.** Lisboa: Horizonte, 1989.

BRACHT, V. **A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo...capitalista.** In: OLIVEIRA, V. M. (Org.); FARIA JUNIOR, A. G. (Coord.) Fundamentos pedagógicos: educação física. Rio de Janeiro: Ao Livro técnico, 1987 (Série Aperfeiçoamento, v. 2)

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos:** o jogo e o esporte como um exercício de convivência. Santos: Projeto Cooperação, 2001.

COELHO, O. **Pedagogia do desporto:** contributos para uma compreensão do desporto juvenil. Lisboa: Horizonte, 1988. (Coleção Horizonte de Cultura Física)

DIEM, L. **Esportes para crianças:** uma abordagem pedagógica. Rio de Janeiro: Beta, 1977.

DINIZ, A. **O basquetebol paulista:** análise crítico-pedagógica sobre sua iniciação. Campinas, 2000. Dissertação (mestrado em educação física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Básico de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. (obra em 19 fascículos semanais encartados na Folha de S. Paulo, de outubro de 1994 a fevereiro de 1995)

FREIRE, J. B. **Pedagogia do futebol**. Campinas: Autores Associados, 2003. Coleção Educação Física e Esportes.

GALLAHUE, D. L. e OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2001.

GALLARDO, J. S. P. **Educação física: contribuições à formação profissional**. 2. ed. Ijuí: UNIJUI, 1997.

GARGANTA, J. **Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos**. In GRAÇA, A. O ensino dos jogos desportivos. Porto: [s.n.], 1995.

GRAÇA, A. **Os como e os quando no ensino dos jogos**. In GRAÇA, A. O ensino dos jogos desportivos. Porto: [s.n.], 1995.

GRECO, P. J. (Org.) **Iniciação esportiva universal: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. v. 2

GRECO, P.J.; BENDA, R. N. (Orgs.) **Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. V. 1

HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986. (Série Fundamental, v. 10)

KROGER, C.; ROTH, K. **Escola da bola: um abc para iniciação nos jogos esportivos**. São Paulo: Phorte, 2002. (colaboração Daniel Memmert; tradução e revisão científica Pablo Juan Greco)

KUNZ, E. **Transformação didático pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUI, 1994.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991. (revista e ampliada)

MAHLO, F. **O acto tático no jogo**. Lisboa: Compendium, 1970. (Coleção Educação Física e Desporto)

MEDINA, J. P. S. **A educação física cuida do corpo e...”mente”**: bases para uma renovação e transformação da educação física. 13. ed. Campinas: Papyrus, 1995. (Coleção Krisis).

MONTAGNER, P. C. **Esporte de competição X educação?**: o caso do basquetebol. Piracicaba: 1993. Dissertação (mestrado em educação física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce**: o caso do basquetebol. Campinas: UNICAMP, 1992.

\_\_\_\_\_. **Educação física escolar**: o esporte como conteúdo pedagógica do ensino fundamental. Canoas: ULBRA, 2001.

SHIGUNOV, V.; PEREIRA, V. R. **Pedagogia da educação física**: o desporto coletivo na escola: os componentes afetivos. São Paulo: IBRASA, 1993. (edição orientada pelos professores Manoel Jose Gomes Tubino e Cláudio de Macedo Reis)

SILVA, J. B. **Educação física, esporte, lazer**: aprender a aprender fazendo. Londrina: Lido, 1995.

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia de ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. (Magistério 2º grau, Série Formação do Professor)

TANI, G. *et al.* **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

TAVARES, F. **O processamento da informação nos jogos desportivos**. In GRAÇA, A. O ensino dos jogos desportivos. Porto: [s.n.], 1995.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

XAVIER, T. P. **Métodos de ensino em educação física**. São Paulo: Manole, 1986.

WEINECK, J. **Biologia do esporte**. São Paulo: Manole, 2000.

## V. Anexos

### ANEXO A - Transcrição I

Rachel – Nome?

Sujeito 1 – [...]

Rachel – Formação acadêmica?

Sujeito 1 – To terminando o meu curso de bacharelado em treinamento esportivo, 5º ano.

Rachel – Que modalidade?

Sujeito 1 – Bacharelado em treinamento esportivo.

Rachel – Qual a instituição que você trabalha?

Sujeito 1 – Atualmente to dando aula aqui no projeto de basquete da UNICAMP orientado pelo professor Robertão e to começando um projeto no Rio Branco.

Rachel – Há quanto tempo você trabalha no local?

Sujeito 1 – Eu trabalho... Eu trabalhei um ano, eu trabalhei seis meses, fiquei seis meses parado, trabalhei... Um ano no total e to continuando meu terceiro semestre.

Rachel – Com quantas crianças você trabalha por aula?

Sujeito 1 – Aqui no projeto com no máximo vinte crianças. Atualmente to trabalhando com um grupo de doze crianças, não veio nenhuma a mais, mas pode aumentar até vinte. Já trabalhei com vinte crianças em uma aula.

Rachel – De que faixa etária?

Sujeito 1 – Já trabalhei de... Com uma turma de sete a nove anos, uma turma de dez a doze anos e uma turma de treze a quinze anos.

Rachel – Durante a sua formação você teve acesso a quais teorias de ensino-aprendizagem?

Sujeito 1 – Teorias, se perguntar pra mim, eu não vou saber te dizer, se tem nome se não tem, vou te citar alguns autores que a gente... Foi apresentado durante o curso, que é os autores que a gente, que eu gosto de seguir. Eu... Na disciplina do Jocimar eu tive contato com Garganta, com Bayer, não foi na disciplina do Jocimar, mas eu tive contato com Greco também e alguns outros autores que eu peguei na biblioteca, mas agora de memória eu fico difícil de lembrar.

*Rachel* – Éh... Você é adepto de qual delas?

*Sujeito 1* – Eu não sou adepto de nenhuma assim... Não sigo nenhuma ao pé da letra, mas eu costumo usar bem o que o Garganta fala... É... Que foi como principio para essas primeiras turmas... É bem interessante, então eu uso bastante o Garganta mais algumas coisas do Greco também.

*Rachel* – Na sua opinião, qual a importância do embasamento teórico na construção do plano de aula pro ensino dos esportes?

*Sujeito 1* – É importante pra você se nortear pra você ter um... Claros seus objetivos. Muitas vezes você pode pegar e criar uma aula sem ter um... Uma teoria por traz e você fica perdido quando você ta fazendo... Você fica sem uma base. Então essa base ela é uma base de sustentação pras praticas que você vai fazer. Pelo menos aqui dentro da faculdade, nunca tive experiências fora da faculdade, às vezes pode ser que a gente saia da faculdade e esqueça o que a gente aprendeu aqui e comece a jogar a bola na mão, no pé das crianças e fala “joga aí”.

*Rachel* – Julga necessárias as interferências do professor no processo de ensino-aprendizagem?

*Sujeito 1* – Eu julgo bastante necessárias, porque... Até pras crianças poderem saber o que você ta trabalhando... Se você ta... Se aquilo lá é só uma brincadeira ou se é uma brincadeira que tem algum objetivo. Pras crianças você tem que deixar claro qual é o objetivo da brincadeira... Às vezes elas aceitam fazer... Mais a brincadeira. Que elas podem chegar com uma certa resistência querendo só jogar a modalidade que você ta ensinando se você... Fizer o link da modalidade com uma brincadeira elas aceitam a brincadeira com mais facilidade.

*Rachel* – Como você promove essas interferências?

*Sujeito 1* – Eu costumo passar a atividade sem muitas regras pra... Pra que eles possam se confundir um pouquinho no meio... e se o jogo ficar muito confuso, a gente para e discute um pouquinho as regras, o que ta faltando, quais são as dificuldades que eles tão tendo... E dou alguns “toques” ... Se eles não tiverem conseguindo chegar nas regras de uma forma clara eu dou algumas ajudas com relação as regras, com as propostas pras eles se nortearem a partir daí.

*Rachel* – A quais metodologias de ensino dos esportes você teve acesso?

Sujeito 1 – O que você quer dizer com isso?

Rachel – O modo como você aplica as teorias na sua prática.

Sujeito 1 – Ah... Como assim? Mais claro.

Rachel – Por exemplo: através de jogos? De exercícios analíticos?

Sujeito 1 – Ai depende da turma, né, como eu trabalhei com sete a nove, dez a doze e treze a quinze, no treze a quinze a gente trabalha um pouco exercícios analíticos... os jogos, né... Pré-desportivos também, mas... Sempre no treze a quinze é mais um... Começa a entrar na... Parte do aperfeiçoamento, então as pessoas, a gente começa a trabalhar um pouco com exercícios analíticos, conhecendo o movimento...E com as pessoas mais jovens a gente trabalha bem bastante com os jogos, jogos pré-desportivos, com brincadeiras pra eles... Se sentirem, mas à vontade fazendo a aula... e pra não ter uma certa cobrança sem necessidade, dentro dos autores que eu citei lá, eu não citei o Robertão mas o Robertão tem um livro sobre especialização precoce e como ele é o orientador do projeto, mas porque eu acredito nisso também, eu acredito que a gente não deve especializar as crianças precocemente.

Rachel – E de sete a nove anos é a mesma metodologia?

Sujeito 1 – É brincadeiras, sempre, algumas vezes a gente até passa uns exercícios analíticos, mas...Com caráter de brincadeira, então eu posso tá dando um exercício analítico, mas não com a cobrança que eu tenho, se eu tivesse, por exemplo, com a turma de treze a quinze anos, eu passo... Poe que as vezes eles pedem um “circuitinho militar” como eles falam, e a gente passa pra eles se divertirem um pouquinho, mas nada com uma cobrança pesada em cima.

Rachel – Qual metodologia aplica no ensino dos esportes para seus alunos?

Sujeito 1 – As mesmas que eu acabei de falar, trabalho com brincadeiras, com jogos pré-desportivos, com jogos em si, com o esporte também trabalhamos dentro dele com a adaptação de regras é... Essa mesma metodologia que eu citei em cima é as coisas que eu trabalho.

Rachel – Quais os resultados obtidos com a aplicação desta metodologia?

Sujeito 1 – Por enquanto satisfatórios assim... Não tive muita evasão de alunos que é uma coisa importante de se estar pensando, né...Que não adianta você achar que o seu trabalho tá sendo perfeito, que você não tá cobrando demais, que você não tá iniciando ninguém precocemente, sendo que não tem ninguém na sua aula então isso não adianta...Então

importante...Visa os alunos manterem na aula... E visa o crescimento também, a gente percebe que no início do semestre tem algumas pessoas que tem uma certa dificuldade de jogar, de manusear a bola, de espaço...Noção de espaço dentro de campo e... No final do semestre você tem uma evolução satisfatória no meu ponto de vista.

*Rachel* – Você teve experiência pratica, aplicada anterior com alguma outra metodologia?

*Sujeito 1* – É eu tive...Não sei dizer pra você se era bem outra metodologia e...Meu professor de basquete...Ele dava alguns exercícios analíticos, bastante molde, bastante é...Drible no cone, mas...É minha lembrança é até...Eu tento não criticar esse professor, porque ele foi o professor que eu me espelhei para ter entrando na faculdade. Então, mas...Analisando agora eu acho que foi... Bem na base dos exercícios analíticos mesmo, e algumas jogadinhas ensaiadas, coisas desse gênero, nada muito diferente disso.

*Rachel* – Por que você optou em mudar por essa que você usa atualmente?

*Sujeito 1* – É pelo que eu fui exposto... Foi aquilo que eu falei pra você, não to muito... com a gente não tem um...Período pequeno da minha vida...Foram três anos... e foi a algum tempo atrás...Quando eu cheguei aqui eu não tava tendo um contato direto com essas práticas, então eu não vim com essa bagagem e eu não entrei aqui na faculdade achando que eu seria um ótimo técnico de basquete. Eu tinha uma vivencia, e quando essa vivencia... Me mostraram essas metodologias eu achei que casava bem essa vivencia que eu tinha com essas metodologias e comecei a usar... Aquilo que eu uso hoje.

*Rachel* – Na sua opinião, qual metodologia é a mais adequada para o ensino do basquetebol para crianças?

*Sujeito 1* – É...Através de brincadeiras, de jogos, onde as... Seja de fácil entendimento, sem uma cobrança excessiva delas...Porque acho que o que a criança mais sente é a cobrança... que muitas vezes a idéia do objetivo não ta claro pra ela, então se você faz uma cobrança muito grande de “ah, eu quero que você arremesse perfeito” , ela não vai entender o porque disso no momento... Se o arremesso imperfeito dela cai dentro da cesta uma vez vai ser a prova para...Crucial pra ela de que isso já é o suficiente, então é...Pra ela é muito mais importante aprender a sociabilizar com os amigos, dividir a bola...Aprender a ocupar espaços na quadra do que propriamente ter uma técnica perfeita. Então acho que...Nesta parte das brincadeiras da conta desse objetivo.

*Rachel* – Agradeço a sua disponibilidade e atenção!

## ANEXO B - Transcrição II

*Rachel* – Nome completo?

*Sujeito 2* – [...], 40 anos.

*Rachel* – Sua formação acadêmica?

*Sujeito 2* – Fiz a faculdade de educação física (Associação Cristã de Moças – Sorocaba)

*Rachel* – Que ano você terminou?

*Sujeito 2* – Oitenta...que oitenta, setenta e nove.

*Rachel* – Quais são as instituições que você trabalha?

*Sujeito 2* – Então, no Estado só.

*Rachel* – Há quanto tempo você dá aula?

*Sujeito 2* – Bom, eu dei aula dois anos, eu parei nove e agora eu estou com quinze.

*Rachel* – Com quantas crianças você trabalha por aula mais ou menos, e de que faixa etária?

*Sujeito 2* – Bom, esse ano né, como é de primeira a quarta série eu to com classe em média com trinta e cinco alunos, tem até mais né...trinta e cinco alunos.

*Rachel* – De que faixa etária?

*Sujeito 2* – De sete...de primeira a quarta serie...de sete a dez/onze anos, né, a média de idade.

*Rachel* – Durante a sua formação acadêmica você teve acesso a quais teorias de ensino-aprendizagem?

*Sujeito 2* – Você fala de primeira a quarta série?

*Rachel* – Isso.

*Sujeito 2* – Quando eu me formei não existia...Educação Física Infantil, não tive, eu fui atrás, fui em escolas, em EMEL, né, fui ver o que elas davam, o que eu poderia adaptar, eu só dou aula com material reciclável, só uso isso. Só fiz essa aula hoje, né pra ajudar a professora Rachel, porque eu costumo usar se eu dou aula de vôlei, eu dou vôlei com bexiga, barbante, mesmo basquete se eu for dar eu uso bola de borracha e caixa, hoje que foi uma aula excepcional.

*Rachel* – Partiu de você então, ir procurar as teorias, como acontece isso, e na sua opinião, qual...por que você acha importante buscar isso?

*Sujeito 2* – Bom, partiu de mim, porque eu gosto demais, se eu dou aula é porque eu gosto, você vê que com a minha idade ainda tenho fôlego de estar correndo atrás da criançada, mas eu acho que a criança precisa resgatar...porque eu tive uma infância maravilhosa, né, morei sempre no interior, então brincava muito de corda de sobe d'aqui, sobe d'ali, então eu quis resgatar essa...que hoje em dia a criança fica só em frente da televisão, é brinquedinho. Inclusive eu faço o dia do brinquedo, eu fiz aqui o dia do brinquedo. Eles trouxeram o brinquedo, mas eu quis brinquedo que eles movimentassem o brinquedo, fiz pista de corrida pros meninos, nós brincamos de casinha, fizemos é, batizado de boneca. Então eu estou resgatando né, essas brincadeiras que eu brincava, que eu achava interessante pra mim, pra minha coordenação...quer dizer agora eu acho, quando eu tinha essa idade eu não tinha noção, agora eu tenho essa noção então eu quero resgatar que com essas brincadeiras eles possam trabalhar toda a movimentação do corpo.

*Rachel* – Você acha importante o professor de Educação Física estar sempre interferindo durante a aula nas atividades, o que ele acha que deve ser melhorado ou não pra criança, interferir diretamente na criança, falar “fulano tenta fazer assim e não assado”?

*Sujeito 2* – Nem sempre. Porque às vezes eles acham que estão certos, e se você for assim discutir realmente, falam “então o que é que você acha?” na verdade eles estão certos sim, então dependendo de faixa etária, a idade deles, não deve interferir não.

*Rachel* – Então, a metodologia que você usa é através de jogos basicamente?

*Sujeito 2* – Recreação, recreação.

*Rachel* – Ta certo, e pros alunos de sete a nove anos, então assim...como que você daria uma aula de basquete mesmo?

*Sujeito 2* – Uma aula de basquete? Olha eu não daria porque eu entraria na recreação né, é isso que eu to falando. Eu uso recreação. De primeiro, há uns anos atrás, acho que sete ou oito anos atrás, tinha o CB (ciclo básico de primeira a quarta séries), então eu iniciava, primeira e segunda série eu dava recreação, terceira e quarta como eles já tinham aula de primeira e segunda, quando entrava na terceira e quarta já começava exigir mais, que nem batida de bola, bater a bola da cintura para baixo, você viu que depois eu interferi né, eu falei “então agora só vai ganhar quem bater a bola da cintura pra baixo e quem arremessar a

bola pra cima, não de baixo pra cima, mas sim de cima pra baixo. Ai sim, mas agora eu não posso exigir, eles tão tendo agora Educação Física, tem criança de quarta série que não tem nem, você viu, não sabe bater bola, então isso ai você tem que vir desde a primeira série.

*Rachel* – Então, ficou, pras pessoas saberem, ficou um tempo sem Educação Física e esta voltando esse ano?

*Sujeito 2* – Esta voltando esse ano, eles tiveram acho que em oitenta e...começou acho que em oitenta e oito, foi até noventa...acho que até noventa e quatro/noventa e dois eu não estou bem...e depois parou todo esse tempo, agora é que voltou a Educação Física e a Educação Artística.

*Rachel* – E como você já tinha dado antes e já trabalhava com as crianças, e agora você esta voltando de novo, você sentiu muita diferença de ter ficado todo esse tempo parado, sem Educação Física, nas crianças assim?

*Sujeito 2* – Ah, muito. Muito porque você vai notando que eles vão progredindo, você começa na primeira série, quando você pega na quinta série já tem noção, noção do jogo já. Eles já sabem formar time, eles já sabem, eles mesmos sabem...você só organiza lógico, voce tem que estar sempre ali orientando, mas quando eles chegam numa quinta série eu não tinha problema com aluno. E hoje em dia, você vê, eles tão na quinta série e você começa, inicia o jogo, mas é a mesma coisa que ensinar coordenação motora pro aluno, tudo. Você tem que estar ensinando.

*Rachel* - Muito obrigada pela atenção, pela paciência e pela disponibilidade!

*Sujeito 2* – De nada, quando precisar, às ordens. Não sei se era isso que você estava esperando né, mas...

*Rachel* - Tá ótimo!

#### ANEXO C - Diário de Campo

Dia 25 de abril de 2003

8:50 de sexta-feira

A quadra da escola é simples, de cimento, externa ao prédio da escola, tem traves de futebol, tabelas e cestas de basquetebol com medidas oficiais adulto sem as devidas adaptações para crianças, mas não existe nenhuma demarcação no chão.

Ao bater o sinal sonoro de troca de aulas, a professora juntou a turma com um sinal de apito e levou-os de volta à sua sala. Depois ela foi buscar a turma que seria filmada (4ª série D) e trouxe até a quadra, todos juntos embora desordenados. Ao chegar na quadra a professora fez a chamada dos alunos para conferir os que estavam presentes. Então começou a filmagem.

Com um sinal de apito e o comando “meninos e meninas” estes se agruparam desta forma. A professora então dividiu duas filas com numero igual de meninos e meninas e ao comando “numeração” as próprias crianças da fila foram se numerando em ordem crescente. Depois a professora deslocou-os até os lugares onde eles deveriam ficar sentados. Dispostas na quadra estavam duas bolas de basquetebol mirins sobre os “buracos” onde se encaixam os postes de voleibol, e no equivalente à metade do garrafão, paralela a linha de fundo, de cada tabela haviam cordas estendidas ao chão.

Com os alunos nos seus lugares a professora então explicou que seria uma brincadeira onde ela chamaria um número e as crianças que respectivamente representassem estes números das duas equipes teriam a tarefa de pegar a bola, se deslocar driblando até a corda e tentar (não ultrapassando a linha da corda) fazer uma cesta para marcar um ponto para sua equipe. Pelas instruções da professora a bola poderia ser driblada com uma ou as duas mãos simultaneamente, o cuidado que elas deveriam tomar era para a bola não ser batida na frente do corpo evitando que ela desviasse no contato com os pés.

A brincadeira então começou e os números foram sendo chamados. As crianças, tendo que permanecer sentadas mesmo debaixo de sol, se mostraram altamente motivadas. Num dado momento, a professora avisou os alunos que ela apresentaria contas, e os resultados das contas representariam os números escolhidos. Assim as reações depois das contas foram um pouco mais demoradas.

Outra professora atravessou a quadra em direção à professora de Educação Física e começou a conversar com ela. Conversando a professora às vezes demorava em chamar novos números e notou-se uma impaciência de alguns alunos, os mais agitados começaram a se levantar dos lugares e perturbar os colegas.

A professora então interferiu dizendo que a partir daquele momento, não mais valeria bater a bola com as duas mãos simultaneamente, mas apenas com uma, e que o arremesso deveria ser realizado a partir da altura da cabeça e não da altura da cintura.

As crianças passaram a ter então uma certa dificuldade e demoraram mais para realizar a tarefa, mas cumpriram o objetivo de acertar o alvo (cesta) mais vezes.

O sinal sonoro da escola tocou, a professora ao som do apito reuniu os alunos e os levou de volta à sala de aula.

#### ANEXO D - Transcrição III

*Rachel* – Boa tarde, professor, fala o seu nome completo pra mim e a sua idade.

*Sujeito 3* – Boa tarde, Rachel. O meu nome é [...], eu tenho 34 anos.

*Rachel* – E sua formação acadêmica.

*Sujeito 3* – Eu fui formado em Educação Física tanto em licenciatura quanto em bacharelado em 1991 na UNICAMP, eu entrei em 87 e sai em 1991. Depois em 94 eu fiz uma especialização na área de ciências do esporte e também em 98 eu ingressei no mestrado também lá na faculdade de Educação Física da UNICAMP e terminei o meu mestrado em 200 também na área de ciências do esporte.

*Rachel* – Qual a instituição que você trabalha?

*Sujeito 3* – Secretaria de Esporte e Recreação da Prefeitura Municipal de ...

*Rachel* – Há quanto tempo você trabalha aqui?

*Sujeito 3* – Faz nove anos.

*Rachel* – Com quantas crianças você trabalha por aula?

*Sujeito 3* – A gente depende muito do número de pessoas, mas assim, a gente chega a atender de 25 a 30 crianças por aula.

*Rachel* – De que faixa etária?

*Sujeito 3* – Então nós temos varias turmas, porque aqui a gente tem uma seqüência de trabalho que é uma política da secretaria de esportes que a gente pega a criancinha ou a criança vem a partir dos 5/6 anos e a gente...se ela quiser ela pode ficar até 17/18 anos ou se tiver talento vira profissional. O basquetebol em si começa a atender na faixa dos 7/8 anos e ai trabalha com grupos assim 7 a 9/10 anos misto, ou se tiver muita gente a gente separa menino de menina, mas se não tiver vai todo mundo junto; depois tem uma outra faixa etária que vai dos 11 aos 14; ai vem as faixas etárias que competem, que disputam os campeonatos.

*Rachel* – Durante a sua formação acadêmica, você teve acesso a quais teorias de ensino-aprendizagem?

*Sujeito 3* – Na verdade tem quatro teorias, mas as mais conhecidas são a desenvolvimentista e a construtivista.

*Rachel* – Você é adepto de qual delas?

*Sujeito 3* – (riso) Então, eu acho...eu nem sei dizer se existe um meio termo entre elas, obviamente os estudiosos não aceitariam isso, mas eu penso que a gente pode fazer isso. Como nós trabalhamos com basquetebol em si, existe os fundamentos que a gente precisa ensinar, nós não podemos fugir destes ensinamentos. Então tem hora que a gente tem que dirigir mais a aula, pra correção dos fundamentos e tem hora que a gente pode deixar mais solto e deixar a criançada ir aprendendo o jogo por si só, sabe ir criando prazer. Então na minha concepção, penso eu que existe momentos que é mais desenvolvimentista e existe momentos que é mais construtivista.

*Rachel* – Na sua opinião, o embasamento teórico do professor é importante?

*Sujeito 3* – A com certeza, a gente...você tem que saber exatamente o que cada faixa etária requer, o que a criança veio fazer naquela aula, o que ela está querendo com aquilo, não é simplesmente chegar e repetir os gestos do basquetebol, tanto dos 7 aos 20 anos fazer a mesma aula, você tem que ter conhecimento de cada faixa etária, tem que trabalhar diferente conforme cada faixa etária, conforme a expectativa do nosso aluno e a expectativa do que a gente quer passar.

*Rachel* – Você julga importante as interferências do professor constantes com o aluno, com diálogo, esse tipo de coisa?

*Sujeito 3* – A sim, aqui, como nós somos em dois professores, eu e o [...], a gente tem um acompanhamento de perto com eles nas nossas aulas, a gente conversa com os pais, conversa com as crianças, agente brinca muito, até porque eu acho que o professor conquista o aluno a partir do seu carisma, entendeu. A partir do momento que ele faz com que aquilo que ele está passando seja motivante. O diálogo nessa questão é super importante.

*Rachel* – Qual a metodologia que você usa nas suas aulas?

*Sujeito 3* – Bom, as aulas nós costumamos falar com os nossos alunos, na faixa etária que foi da aula agora, dos 7 aos 10 anos, a gente faz alongamento porque a gente já explica qual

a importância do alongamento...fazemos brincadeiras, tem brincadeiras que a gente faz sem bola nós estamos visando não só a motivação ou o prazer, mas também o controle de corpo, a coordenação motora, fazemos brincadeiras com bola que também a gente já visa o fundamento que nós vamos trabalhar durante a parte principal a aula, e aí existe um momento que a gente faz um pouquinho de fundamento mais direcionado. Cada dia a gente prioriza um fundamento, ou a gente faz drible, ou a gente faz passe, ou arremesso, faz algum trabalho de rebote, a gente vai priorizando. E aí sempre, sempre, todas as aulas a gente faz o jogo no final, um jogo que assim, a gente não fica muito em cima, fica mais deixando o jogo acontecer e a gente faz intervenções quando achamos que é necessário, por exemplo, uma discussão, uma trombada, ou a gente faz muito com a questão das regras, a gente não fica cobrando as regras, mas eles se cobram e quando eles se cobram a gente intervém pra que todos possam entender como que é a regra. Então de modo geral é isso.

*Rachel* – Você está à bastante tempo aqui e acompanhando todas as turmas. Quais foram os resultados que você obteve com essa forma de ensino?

*Sujeito 3* – Olha Rachel, hoje por exemplo nós temos jogadores na nossa equipe adulto masculino que saíram dessas escolinhas. Começaram a ter aula nesta praça do mesmo jeito que temos vários ex-alunos que não viraram jogadores de basquetebol, mas que quase todos os dias passam aqui, vem nos visitar, vem nos cumprimentar, vem ver como esta a aula. Significa dizer que o esporte, de algum modo, foi importante pra eles, independente se eles foram bons jogadores ou não, mas aquilo num certo momento da vida deles fez bem pra eles. Acho que isso tem tudo a ver com a nossa questão da formação, eu acho que os resultados, números, tanto pras pessoas que são talentosas, que foram jogar em outra equipes tal, existem pessoas que estão neste nível como também, eu acho que é um ponto bastante importante é que a gente sabe que de um certo modo nós auxiliamos na educação, na formação dos nossos alunos e ex-alunos.

*Rachel* – Vocês já tentaram propor uma outra forma de ensino ou foi sempre assim?

*Sujeito 3* – Foi sempre assim, na verdade foi sempre assim. Porque é o que eu acredito, é o que a minha formação...é o que eu aprendi na faculdade, é o que eu aprendo com os meus anos de vida que eu já tenho na profissão...modéstia a parte eu já trabalhei desde iniciação e hoje eu trabalho com adulto, então quer dizer, tem varias coisas que a gente vai vendo no dia-a-dia, a prática ensina muito. Então eu penso que este é um caminho que está dando

certo, se ele esta dando certo a gente busca coisas novas, continua a estudar, vai aplicando tido, mas não muda muito não.

*Rachel* – Obrigada professor pela atenção e cooperação.

## ANEXO E - Diário de Campo

Dia 21 de maio de 2003

13:30 de quarta-feira

O cenário III foi na prefeitura da cidade de [...], a quadra era descoberta cercada com alambrado e tinha tabelas de basquetebol (medidas oficiais adulto, sem adaptação) e traves de futebol de salão. A quadra era poliesportiva, contendo as linhas de demarcação de basquete, vôlei e futsal. Era 13:15 quando as crianças começaram a chegar para a aula, mesmo o sol estando forte deixando a quadra toda muito quente.

13:35 o professor começou a aula chamando as crianças para sentar à sombra em um canto da quadra, assim começou a fazer uma chamada por nomes dos alunos anotando os presentes. Mais tarde o professor explicou que a lista de chamada era parte de uma estatística mensal elaborada pela Secretaria de Esporte e Turismo da cidade.

Depois de conferir os presentes o professor então chamou os alunos para o centro da quadra onde começou a explicar para as crianças uma atividade de alongamento, e todas elas cumpriram a atividade proposta, e esse foi o tempo suficiente para os últimos alunos atrasados chegarem e se juntarem à turma.

Após o alongamento o professor perguntou para os alunos “Qual a brincadeira nós vamos fazer hoje?”, e algumas crianças responderam: “mãe-da-rua”. Mas nem todas as crianças gostaram da idéia, o professor então propôs uma votação. As crianças democraticamente levantaram as mãos para dizer que gostariam de brincar de “mãe-da-rua”. Como a maioria delas levantou as mãos o professor escolheu dois alunos para começar de pegadas, os demais alunos começaram dispostos nas laterais da quadra de basquetebol. Durante a brincadeira o professor interferiu apenas para lembrar os alunos que eles poderiam e deveriam utilizar toda a extensão da quadra. A brincadeira só chegou ao fim quando todos os alunos tornaram-se pegadores. Durante toda a brincadeira as crianças

se divertiram muito, demonstrando alegria e auto-organização, quando uma criança era pega ela automaticamente virava pegadora pelas cobranças das outras crianças.

Na atividade seguinte o professor reuniu grupos de seis crianças e dividiu metade de cada grupo para uma lateral e a outra metade do lado oposto. Foi distribuída uma bola para cada grupo e as crianças realizavam deslocamentos de uma lateral a outra driblando a bola. O professor ditava o tipo de drible que ele queria: com a mão direita, com a mão esquerda, alternando as mãos, mudando de direção, e também fazendo o giro do basquetebol. Depois de alguns minutos praticando os dribles as crianças começaram a pedir para ir beber água, o professor então liberou a turma toda.

Quando as crianças voltaram o professor dividiu a turma em quatro equipes para a prática do jogo de basquetebol propriamente dito.

As duas primeiras equipes começaram o jogo com muita confusão, pois onde a bola estava muitas crianças ficavam perto atrapalhando o desenvolvimento de um jogo estruturado, quando aconteciam esses “embolamentos” o professor interferia dizendo para os seus alunos que passassem mais a bola. Assim também foi no jogo com outras duas equipes. Um ponto bastante interessante é que as regras eram cobradas pelos próprios alunos, o professor só parava o jogo quando algum aluno não apontava uma violação de seu colega. O professor então pedia para que o aluno explicasse para os colegas que violação tinha acontecido, e então a posse de bola era invertida.

Ao final do tempo de aula, quando todas as atividades tinham acabado, o professor distribuiu “tickets” para as crianças que valendo um lanche e um suco que poderiam ser retirados no ginásio que ficava ao lado da quadra, onde havia uma cozinha com cozinheiras à disposição das crianças. Este é um hábito da prefeitura, ao final de todas as aulas de esportes as crianças ganham lanche e suco. Assim encerraram as atividades da aula respectiva à faixa etária de oito a dez anos (14:30).